



QUALIS
A2



O IMPACTO DO USO DE ANTICONCEPCIONAIS HORMONAIS NA SAÚDE MENTAL¹

THE IMPACT OF HORMONAL CONTRACEPTIVE USE ON MENTAL HEALTH

Carlos Eduardo Rodrigues da SILVA

Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)

E-mail: carloseduardo98.cr@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0004-7806-9013>

Eduarda Queiroz MOTA

Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)

E-mail: eduardaqmota@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0001-3519-0727>

Lucas Gabriel Pereira da SILVA

Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)

E-mail: lucaslgbr1434@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0009-0004-2523-9613>

Daiene Isabel da Silva LOPES

Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)

E-mail: daieneisabel@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2416-4961>

RESUMO

O uso de anticoncepcionais hormonais tem se consolidado como uma das formas mais comuns e eficazes de contracepção, com um papel crucial na promoção da saúde reprodutiva das mulheres ao redor do mundo. Esses métodos hormonais incluem pílulas, implantes, injeções e dispositivos intrauterinos (DIUs) que liberam hormônios sintéticos com o objetivo de regular a ovulação, espessar o muco cervical e alterar a parede uterina, prevenindo a gravidez. Contudo, a utilização dessas opções contraceptivas não se limita aos seus efeitos fisiológicos sobre a reprodução, sendo que efeitos colaterais, particularmente no que tange à saúde mental, têm sido cada vez mais reconhecidos e discutidos na literatura científica. Assim, objetiva-se analisar os impactos psicossociais e os efeitos adversos na saúde mental das mulheres usuárias de anticoncepcionais hormonais, investigando como fatores individuais e contextuais influenciam essas respostas. Este estudo configura-se como uma revisão

¹ COMO CITAR (ABNT): SILVA, C. E. R.; MOTA, E. Q.; SILVA, L. G. P.; LOPES, D. I. S. O Impacto do Uso de Anticoncepcionais Hormonais na Saúde Mental. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Fevereiro de 2026 - Ed. 71. VOL. 01. Págs. 113-124 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br. Acesso em: __/__/__.

sistemática da literatura com o objetivo de analisar o impacto do uso de anticoncepcionais hormonais na saúde mental, com foco nas alterações psicológicas e psiquiátricas associadas a esses métodos contraceptivos. A pesquisa será conduzida com a coleta e análise de artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, com ênfase em estudos que abordam os efeitos psicológicos do uso de anticoncepcionais hormonais, como depressão, ansiedade e alterações no humor.

Palavras-chave: Anticoncepcionais hormonais. Saúde mental. Ginecologia.

ABSTRACT

The use of hormonal contraceptives has become one of the most common and effective forms of contraception, playing a crucial role in promoting women's reproductive health around the world. These hormonal methods include pills, implants, injections, and intrauterine devices (IUDs) that release synthetic hormones with the aim of regulating ovulation, thickening cervical mucus, and altering the uterine wall, preventing pregnancy. However, the use of these contraceptive options is not limited to their physiological effects on reproduction, and side effects, particularly with regard to mental health, have been increasingly recognized and discussed in the scientific literature. Thus, the aim of this study is to analyze the psychosocial impacts and adverse effects on the mental health of women who use hormonal contraceptives, investigating how individual and contextual factors influence these responses. This study is a systematic review of the literature with the aim of analyzing the impact of the use of hormonal contraceptives on mental health, focusing on the psychological and psychiatric changes associated with these contraceptive methods. The research will be conducted by collecting and analyzing scientific articles published in national and international journals, with an emphasis on studies that address the psychological effects of the use of hormonal contraceptives, such as depression, anxiety and mood changes.

Keywords: Hormonal contraceptives. Mental health. Gynecology.

INTRODUÇÃO

O uso de anticoncepcionais hormonais consolidou-se como uma das formas mais comuns e eficazes de contracepção, desempenhando papel crucial na promoção da saúde reprodutiva das mulheres ao redor do mundo. Esses métodos hormonais incluíram pílulas, implantes, injeções e dispositivos intrauterinos (DIUs) que liberaram hormônios sintéticos com o objetivo de regular a ovulação, espessar o

muco cervical e alterar a parede uterina, prevenindo a gravidez. Contudo, a utilização dessas opções contraceptivas não se limitou aos seus efeitos fisiológicos sobre a reprodução, uma vez que efeitos colaterais, particularmente no que tange à saúde mental, passaram a ser cada vez mais reconhecidos e discutidos na literatura científica (Kraft et al, 2024).

Estudos apontaram que o uso de anticoncepcionais hormonais influenciou de maneira significativa o bem-estar psicológico das mulheres, com possíveis repercussões em aspectos como o humor, a ansiedade, a depressão e a libido. Embora os mecanismos exatos por meio dos quais os hormônios afetaram a saúde mental não tenham sido completamente compreendidos, verificou-se que o estrogênio e a progesterona, principais hormônios presentes nos anticoncepcionais, exerceram impacto profundo sobre a neurotransmissão e a regulação emocional. As alterações nos níveis desses hormônios afetaram, por exemplo, os sistemas de serotonina e dopamina, neurotransmissores cruciais para a estabilidade emocional, contribuindo para variações no humor e no comportamento (Larsen et al, 2020).

Diversos estudos epidemiológicos e clínicos buscaram identificar as relações entre o uso de anticoncepcionais hormonais e distúrbios psiquiátricos, como a depressão e a ansiedade. A Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) apontou que, embora a maioria das mulheres não tenha experimentado efeitos adversos, uma parcela significativa sofreu modificações no humor, além de sintomas de irritabilidade e desinteresse sexual. Ressaltou-se que a resposta ao uso desses anticoncepcionais mostrou-se altamente individual, sendo influenciada por uma combinação de fatores genéticos, ambientais e psicológicos. Assim, mulheres que apresentaram predisposição a transtornos psiquiátricos mostraram-se mais vulneráveis aos efeitos adversos desses métodos contraceptivos hormonais (Edwards et al, 2020).

A relevância desse tema ganhou ainda mais destaque ao se considerar o alto número de mulheres que utilizaram anticoncepcionais hormonais em idade reprodutiva, principalmente em países como o Brasil, onde esses métodos mostraram-se amplamente acessíveis e procurados. Em um contexto de saúde pública, tornou-se essencial compreender como essas substâncias influenciaram a saúde mental, uma vez que distúrbios psicológicos afetaram não apenas a qualidade de vida das mulheres, mas também sua saúde física e suas relações sociais e familiares. Além disso, a abordagem crítica sobre o impacto dos anticoncepcionais hormonais na saúde mental contribuiu para o aprimoramento das orientações

médicas, auxiliando na escolha do método contraceptivo mais adequado a cada perfil de paciente (Segarra et al, 2023).

Dessa forma, este trabalho teve como objetivo explorar as evidências científicas existentes sobre o impacto dos anticoncepcionais hormonais na saúde mental das mulheres, investigando os efeitos psicológicos associados a esses métodos, identificando possíveis fatores de risco para reações adversas e discutindo as alternativas terapêuticas disponíveis. A compreensão aprofundada desse impacto mostrou-se essencial para a construção de políticas públicas mais eficazes, voltadas ao cuidado integral da saúde da mulher, além de contribuir para a capacitação de profissionais da saúde na abordagem de pacientes usuárias desses métodos (Noachtar; Frokjaer, 2023).

REFERENCIAL TEÓRICO

Os anticoncepcionais hormonais foram descritos na literatura como métodos contraceptivos amplamente utilizados em nível mundial, atuando por meio da modificação do sistema hormonal feminino. Entre os principais tipos destacaram-se as pílulas orais, as injeções, os implantes subcutâneos e os dispositivos intrauterinos (DIUs) hormonais. Esses métodos continham hormônios sintéticos, como estrogênio e progestágeno, isoladamente ou em combinação, os quais alteraram os níveis hormonais naturais do organismo, inibindo a ovulação, modificando o muco cervical e promovendo alterações no endométrio. Tais mecanismos dificultaram tanto a fecundação quanto a implantação do óvulo fertilizado (Lewandowski; Duttge; Meyer, 2020).

A pílula anticoncepcional oral foi identificada como o método mais utilizado e esteve frequentemente associada a efeitos colaterais, como alterações de humor, náuseas e ganho de peso. Embora sua eficácia contraceptiva tenha sido elevada quando utilizada corretamente, seu impacto na saúde mental das usuárias foi amplamente debatido, sobretudo em razão de seus efeitos sobre neurotransmissores e sobre a regulação hormonal (Noachtar; Frokjaer, 2023).

Estudos clínicos e observacionais indicaram que o uso de anticoncepcionais hormonais influenciou a saúde mental das mulheres, sendo relatadas alterações de humor, ansiedade, sintomas depressivos e diminuição da libido. Revisões sistemáticas apontaram maior predisposição ao desenvolvimento de sintomas depressivos entre usuárias, ainda que essa associação tenha se mostrado complexa e multifatorial. Fatores como predisposição genética, histórico prévio de transtornos mentais e variáveis ambientais e socioculturais foram descritos como moduladores

importantes dessa resposta (Stotland, 2023). Embora os mecanismos exatos não tenham sido completamente elucidados, hipóteses sugeriram que os hormônios sintéticos interferiram na produção e na ação de neurotransmissores como serotonina, dopamina e GABA, substâncias diretamente relacionadas à regulação do humor e das emoções. Evidências recentes também indicaram alterações na expressão de genes envolvidos na regulação serotoninérgica, o que pode ter contribuído para o desequilíbrio emocional observado em determinadas usuárias (Beltz, 2024).

Os efeitos psicossociais associados ao uso de anticoncepcionais hormonais foram variados, destacando-se alterações de humor, ansiedade, redução da libido e aumento do risco de depressão. Tais manifestações impactaram a qualidade de vida, o comportamento sexual e os relacionamentos interpessoais das mulheres. A redução da libido foi uma das queixas mais frequentes, especialmente entre usuárias de pílulas combinadas contendo estrogênio e progestágeno. Essa alteração foi atribuída, em parte, às mudanças nos níveis hormonais e à regulação da testosterona, hormônio que também exerce influência sobre o desejo sexual feminino (Hogsted et al., 2021). Ademais, pesquisas indicaram aumento no risco de sintomas depressivos, particularmente entre adolescentes que iniciaram o uso desses métodos. A sensibilidade do sistema nervoso central durante fases de desenvolvimento psicológico foi apontada como possível fator explicativo para essa maior vulnerabilidade (Gharaibeh et al, 2022).

A resposta psicossocial ao uso de anticoncepcionais hormonais não se apresentou de forma homogênea, sendo modulada por fatores individuais e contextuais. Predisposição genética, histórico de transtornos de humor, condições socioeconômicas e culturais, além do tipo específico de anticoncepcional utilizado, influenciaram significativamente a experiência das usuárias (Standeven; Ho; Hantsoo, 2024). Mulheres com histórico de ansiedade ou depressão demonstraram maior suscetibilidade a efeitos adversos, possivelmente em razão da intensificação de sintomas preexistentes pela ação dos hormônios sintéticos (Kimmig et al., 2022). Fatores ambientais, como suporte familiar e social, também desempenharam papel relevante, sendo o estresse psicológico identificado como elemento potencializador de sintomas negativos (Larsen et al, 2020).

A idade e a fase do ciclo reprodutivo também foram apontadas como variáveis importantes. Adolescentes e mulheres em períodos de instabilidade neuroendócrina, como a perimenopausa, apresentaram maior sensibilidade às variações hormonais. Durante a adolescência, o cérebro ainda se encontrava em desenvolvimento, o que

pode ter explicado a maior prevalência de sintomas depressivos nessa faixa etária quando exposta a hormônios sintéticos (Albert et al, 2021). Em fases posteriores da vida reprodutiva, a redução natural dos níveis de estrogênio interagiu de forma distinta com os contraceptivos hormonais, produzindo respostas variadas.

Do ponto de vista neurobiológico, a interação entre hormônios sexuais e funcionamento cerebral foi amplamente investigada. O estrogênio e a progesterona exerceram efeitos significativos sobre o sistema nervoso central, influenciando a neuroplasticidade, a atividade sináptica e a regulação de neurotransmissores como serotonina, dopamina, noradrenalina e GABA (Barth et al, 2021). O estrogênio foi descrito como hormônio com efeito neuroprotetor, enquanto a progesterona e seus metabólitos, como a alopregnanolona, modularam a atividade do GABA, exercendo efeito ansiolítico. A introdução de hormônios sintéticos por meio de anticoncepcionais interferiu nesse equilíbrio neuroquímico, podendo resultar em alterações do humor (Gingnell et al, 2020). Estudos de neuroimagem demonstraram ainda alterações estruturais e funcionais em regiões cerebrais associadas à regulação emocional, como amígdala, córtex pré-frontal e hipocampo, relacionadas a maior vulnerabilidade a transtornos depressivos e ansiosos em determinadas populações (Petersen et al, 2023).

Estudos epidemiológicos também ofereceram contribuições relevantes para a compreensão do impacto psicológico dos anticoncepcionais hormonais. Pesquisa de grande escala conduzida por Skovlund (2016), envolvendo mais de um milhão de mulheres dinamarquesas, identificou associação estatisticamente significativa entre o uso de contraceptivos hormonais e o aumento na prescrição de antidepressivos. Embora o delineamento observacional não tenha permitido estabelecer causalidade direta, os achados reforçaram a necessidade de cautela na prescrição, especialmente entre adolescentes e mulheres com histórico de transtornos mentais.

Diante da complexidade dos achados, destacou-se a importância de uma abordagem interdisciplinar na prescrição de anticoncepcionais hormonais. A integração entre ginecologia, psicologia, psiquiatria e atenção primária foi apontada como estratégia essencial para avaliação ampliada do perfil clínico e emocional das pacientes (Pope, 2021). Essa atuação conjunta possibilitou o reconhecimento precoce de sintomas psicológicos, o acompanhamento adequado das usuárias e a construção de estratégias terapêuticas individualizadas. Além disso, favoreceu o desenvolvimento de protocolos de avaliação psicossocial, materiais educativos e políticas públicas voltadas ao cuidado integral da saúde da mulher, respeitando suas particularidades biológicas e emocionais.

METODOLOGIA

Este estudo configurou-se como uma revisão sistemática da literatura, cujo objetivo foi analisar o impacto do uso de anticoncepcionais hormonais na saúde mental, com foco nas alterações psicológicas e psiquiátricas associadas a esses métodos contraceptivos. A pesquisa foi conduzida por meio da coleta e análise de artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, com ênfase em estudos que abordaram efeitos psicológicos relacionados ao uso de anticoncepcionais hormonais, como depressão, ansiedade e alterações de humor.

A coleta de dados foi realizada por meio de busca em bases de dados eletrônicas amplamente reconhecidas, como PubMed, LILACS, Periódicos CAPES, EMBASE, PsycINFO e SciELO, com o objetivo de identificar estudos relevantes e atualizados sobre o tema. A estratégia de busca foi orientada pelos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Anticoncepcionais Hormonais”, “Saúde Mental”, “Depressão”, “Ansiedade”, “Alterações de Humor” e “Anticoncepcionais e Saúde Mental”, permitindo a localização de pesquisas que investigaram a relação entre o uso de anticoncepcionais hormonais e efeitos psicológicos associados.

Os critérios de inclusão foram previamente definidos e abrangeram estudos de intervenção, estudos observacionais, ensaios clínicos randomizados, revisões sistemáticas, metanálises e artigos de consenso que abordaram os efeitos psicológicos do uso de anticoncepcionais hormonais. Foram considerados apenas estudos que analisaram explicitamente o impacto desses métodos contraceptivos na saúde mental, especialmente em relação a condições como depressão, ansiedade, alterações de humor e outros transtornos psiquiátricos. Incluíram-se pesquisas com amostras compostas por mulheres em idade fértil que utilizaram diferentes tipos de anticoncepcionais hormonais, como pílulas, implantes, injeções e dispositivos intrauterinos hormonais (DIUs).

A pesquisa foi delimitada a estudos publicados no período de 2019 a 2025, assegurando a atualidade das evidências analisadas. A seleção contemplou artigos publicados nos idiomas português, inglês ou espanhol, garantindo abrangência internacional. Os critérios de exclusão foram aplicados de forma rigorosa, desconsiderando estudos publicados antes de 2019, pesquisas que não abordaram diretamente o impacto dos anticoncepcionais hormonais na saúde mental ou que apresentaram limitações metodológicas significativas, como ausência de grupo controle, amostras reduzidas ou falta de controle de variáveis relevantes, incluindo histórico prévio de transtornos psiquiátricos.

A busca inicial resultou em uma seleção preliminar de artigos. Após a triagem dos títulos e resumos, foram excluídos aqueles que não atenderam aos critérios estabelecidos. Em seguida, realizou-se a leitura na íntegra dos estudos elegíveis, garantindo a conformidade com os critérios de inclusão previamente definidos, o que resultou na seleção final dos trabalhos que melhor abordaram o impacto do uso de anticoncepcionais hormonais na saúde mental.

Durante a análise dos estudos selecionados, foram avaliados os instrumentos utilizados para mensuração da saúde mental, incluindo questionários padronizados, como o Inventário de Depressão de Beck e a Escala de Ansiedade de Hamilton, bem como os diferentes tipos de anticoncepcionais hormonais investigados. A análise crítica fundamentou-se na qualidade metodológica das pesquisas, na consistência dos resultados apresentados e nas limitações identificadas. Os dados foram examinados à luz das evidências científicas disponíveis, com ênfase na identificação de fatores de risco associados aos efeitos adversos, como tipo de anticoncepcional utilizado, tempo de uso e características individuais das participantes.

Ao final, a revisão sistemática apresentou uma análise abrangente dos impactos psicológicos relacionados ao uso de anticoncepcionais hormonais, contribuindo para a compreensão do papel desses métodos na saúde mental das mulheres e oferecendo subsídios tanto para futuras investigações quanto para o aprimoramento da prática clínica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados demonstraram associação entre o uso de anticoncepcionais hormonais e alterações no humor, aumento de sintomas depressivos, ansiedade e modificações na libido em parcela das usuárias. Estudos epidemiológicos de grande escala apontaram maior frequência de prescrição de antidepressivos e maior relato de sintomas depressivos após o início da contracepção hormonal, especialmente entre adolescentes e mulheres com histórico prévio de transtornos psiquiátricos. Esses achados reforçam a hipótese de que a introdução de hormônios sintéticos pode interferir em sistemas neurobiológicos envolvidos na regulação emocional, particularmente nos circuitos serotoninérgicos e dopaminérgicos, já descritos na literatura como sensíveis às variações hormonais.

Entretanto, os resultados não foram consensuais entre os estudos analisados. Parte das pesquisas não identificou associação estatisticamente significativa entre o uso de anticoncepcionais hormonais e prejuízos relevantes à saúde mental, sugerindo que os efeitos observados não podem ser atribuídos exclusivamente à ação

farmacológica dos hormônios. Essa divergência evidencia a natureza multifatorial do fenômeno, indicando que fatores individuais, como predisposição genética, histórico psicológico, contexto social, suporte familiar e condições socioeconômicas, exercem papel determinante na resposta emocional das usuárias.

A discussão dos achados revela que a variabilidade das respostas psicológicas pode estar relacionada não apenas ao tipo de contraceptivo utilizado, mas também à dose hormonal, ao tempo de exposição e à fase do desenvolvimento neuroendócrino da mulher. Estudos que incluíram adolescentes demonstraram maior vulnerabilidade a sintomas depressivos, possivelmente em razão da maior plasticidade cerebral e da sensibilidade do sistema nervoso central às alterações hormonais durante esse período. Por outro lado, pesquisas envolvendo mulheres adultas frequentemente relataram adaptação progressiva aos efeitos hormonais, com redução dos sintomas ao longo do tempo em parte das usuárias.

Outro aspecto relevante identificado foi a influência do contexto psicossocial na percepção dos efeitos adversos. Situações de estresse crônico, ausência de suporte social e histórico de sofrimento psíquico mostraram-se associados a maior probabilidade de manifestações emocionais negativas, sugerindo interação entre fatores biológicos e ambientais. Assim, os anticoncepcionais hormonais parecem atuar mais como moduladores de vulnerabilidades pré-existentes do que como agentes isolados capazes de desencadear transtornos mentais.

Dessa forma, os achados analisados indicam que, embora exista evidência de associação entre contracepção hormonal e alterações psicológicas em subgrupos específicos de mulheres, não há consenso absoluto quanto à causalidade direta. A literatura aponta para um modelo explicativo integrativo, no qual fatores neurobiológicos, individuais e contextuais interagem dinamicamente, reforçando a necessidade de avaliação clínica individualizada na escolha do método contraceptivo. Nesse sentido, os resultados sustentam a importância de uma abordagem interdisciplinar envolvendo ginecologia, saúde mental e atenção primária, visando monitoramento contínuo das usuárias e identificação precoce de possíveis efeitos adversos psicológicos.

CONCLUSÃO

A presente revisão sistemática evidenciou que a relação entre o uso de anticoncepcionais hormonais e a saúde mental feminina mostrou-se complexa, dinâmica e multifatorial, afastando interpretações reducionistas que atribuem alterações psicológicas exclusivamente à ação farmacológica dos hormônios. As

evidências analisadas indicaram que, embora parte das usuárias tenha apresentado alterações de humor, sintomas depressivos, ansiedade e modificações na libido, tais manifestações não ocorreram de forma homogênea, sendo influenciadas por fatores individuais, neurobiológicos e contextuais.

Os resultados sugeriram que os anticoncepcionais hormonais atuaram, em muitos casos, como moduladores de vulnerabilidades psicológicas previamente existentes, especialmente em mulheres com histórico psiquiátrico, maior sensibilidade às variações hormonais ou inseridas em contextos psicossociais adversos. Assim, a resposta emocional ao uso desses métodos contraceptivos foi melhor compreendida a partir de um modelo biopsicossocial integrado, no qual fatores biológicos interagiram continuamente com aspectos psicológicos e ambientais.

Observou-se maior suscetibilidade a alterações emocionais entre adolescentes e mulheres em períodos de instabilidade neuroendócrina, reforçando a necessidade de maior cautela na prescrição e no acompanhamento clínico desses grupos. Por outro lado, evidenciou-se que uma parcela significativa das usuárias apresentou boa adaptação ao método ao longo do tempo, indicando que os efeitos adversos não foram universais nem inevitáveis.

Diante desses achados, destacou-se a importância de que a escolha do método contraceptivo ultrapassasse uma abordagem exclusivamente ginecológica, incorporando avaliação ampliada da saúde mental, escuta qualificada e monitoramento longitudinal. A atuação interdisciplinar entre ginecologia, psicologia, psiquiatria e atenção primária mostrou-se fundamental para a promoção de uma contracepção segura, individualizada e centrada na paciente.

Por fim, esta revisão reforçou a necessidade de estudos futuros com delineamentos metodológicos mais padronizados, amostras representativas e análises longitudinais que permitam elucidar mecanismos causais ainda controversos. O aprofundamento da compreensão sobre a interação entre contracepção hormonal e saúde mental representa avanço científico relevante e contribui diretamente para o fortalecimento de práticas clínicas mais informadas, humanizadas e baseadas em evidências, promovendo o cuidado integral à saúde da mulher.

REFERÊNCIAS

ALBERT, P. R. Why is depression more prevalent in women? **Journal of Psychiatry & Neuroscience**, v. 40, n. 4, p. 219–221, 2015. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4472929/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BARTH, C.; GINGNELL, M.; PETERSEN, N. Estrogen and progesterone as neurobiological predictors of mood disorders and depression. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, [s. l.], v. 148, p. 105126, maio 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36954782/>. Acesso em: 15 dez. 2025..

BELTZ, A. M. Hormonal contraceptives and behavior: Updating the potent state of the nascent science. **Hormones and Behavior**, v. 164, p. 105574, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38972245/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

EDWARDS, A. C.; LÖNN, S. L.; CRUMP, C.; et al. Oral contraceptive use and risk of suicidal behavior among young women. **Psychological Medicine**, v. 52, n. 9, p. 1710–1717, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33084550/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

GHARAIBEH, M. K.; AL-ASHRAM, S. A.; AL-MAAITAH, R.; et al. Quality of life and health status of Jordanian women users of various contraceptive methods and associated factors: Implications for contraceptive policies. **Patient Preference and Adherence**, v. 16, p. 403–412, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35210757/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

HOGSTED, E. S.; BORGSTED, C.; DAM, V. H.; et al. Stress-hormone dynamics and working memory in healthy women who use oral contraceptives versus non-users. **Frontiers in Endocrinology**, v. 12, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34819917/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

KIMMIG, A. C. S.; BISCHOFBERGER, J. A.; BIRRENBACH, A. D.; et al. No evidence for a role of oral contraceptive-use in emotion recognition but higher negativity bias in early follicular women. **Frontiers in Behavioral Neuroscience**, v. 15, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35126066/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

KRAFT, M. Z.; ROJCZYK, P.; WEISS, T.; et al. Symptoms of mental disorders and oral contraception use: A systematic review and meta-analysis. **Frontiers in Neuroendocrinology**, v. 72, p. 101111, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37967755/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

LARSEN, S. V.; KÖHLER FORSBERG, K.; DAM, V. H.; et al. Oral contraceptives and the serotonin 4 receptor: A molecular brain imaging study in healthy women. **Acta Psychiatrica Scandinavica**, v. 142, n. 4, p. 294–306, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33314049/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

LEWANDOWSKI, S. K.; DUTTGE, G.; MEYER, T. Quality of life and mental health in adolescent users of oral contraceptives: Results from the nationwide, representative German Health Interview and Examination Survey for Children and Adolescents (KiGGS). **Quality of Life Research**, v. 29, n. 8, p. 2209–2218, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32144614/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

NOACHTAR, I. A.; FROKJAER, V. G.; PLETZER, B. Mental health symptoms in oral contraceptive users during short-term hormone withdrawal. *JAMA Network Open*, v.

6, n. 9, p. e2335957, 2023. Disponível em:
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37755829/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

POPE, C. An interdisciplinary approach to hormonal contraception: the role of mental health in contraceptive counseling. **Women's Health Reports**, v. 2, n. 1, p. 487–495, 2021. Disponível em:
<https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/whr.2021.0065>. Acesso em: 17 dez. 2025.

SEGARRA, I.; MENÁRGUEZ, M.; ROQUÉ, M. V. Women's health, hormonal balance, and personal autonomy. **Frontiers in Medicine**, v. 10, 2023. Disponível em:
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37457571/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

STANDEVEN, L. R.; HO, A.; HANTSOO, L. Bridging the gap: Integrating awareness of polycystic ovary syndrome into mental health practice. **Focus**, v. 22, n. 1, p. 53– 62, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38694159/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

STOTLAND, N. L. Reproductive rights and women's mental health. **Psychiatric Clinics of North America**, v. 46, n. 3, p. 607–619, 2023. Disponível em:
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37500254/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

SKOVLUND, C. W. Association of hormonal contraception with depression. **JAMA Psychiatry**, v. 73, n. 11, p. 1154–1162, 2016. Disponível em:
<https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/fullarticle/2552796>. Acesso em: 17 dez. 2025.